

9.X.946

# VI--AINDA HÁ SANTOS

## NO MEIO DE NÓS

O P.<sup>o</sup> Bousquet, o primeiro que partiu para a Alemanha, fomos encontra-lo a dar as últimas recomendações para a condução dos doentes, antigos prisioneiros e deportados, na peregrinação que um dia, nos campos e prisões, todos eles haviam prometido realizar a Lourdes se escapassem com vida daquela «visão do inferno» nazi.

Alto, magro, inteligente, febricitante, esqueleto em pé com olhos vivos de transparência infantil, dura impressionante e vontade de ferro, o P.<sup>o</sup> Bousquet traz bem gravados no rosto e no seu corpo arqueado e em desequilíbrio os traços da agonia prolongada de Postdam, de que nós faz uma descrição arripian-

te no seu formosíssimo livro *Hors des barbelés*.

Quando o procurámos, nada sabíamos ainda do que fora o seu martírio, a sua heroicidade.

Na conversa que tivemos com ele, de tal simplicidade revestia a suas palavras, as comoventes narrações do que sofreram pela realização da fraternidade cristã, que pouco a pouco, instintivamente, nos fomos sentindo bem pequeno, diante da gran-

deza de tamanho herói que tínhamos na nossa frente.

Os trinta minutos de colóquio com ele valeram-nos por alguns retiros espirituais. A dedicatória que pôs no livro que nos ofereceu não a daríamos por preço nenhum.

Palpamos a santidade e a heroicidade, a cinquenta centímetros de nós. E isto faz bem, fortalece a nossa crença nas imensas possibilidades do sobrenatural. Sentimos uma alegria tamanha e tamanha paz, quase como se tivéssemos visto, de nossos olhos carnis, o próprio rosto de Cristo. Era um operário como Ele, um sacerdote como Ele, um Mártir como Ele.

Encarregado de dirigir toda a assistência material e religiosa aos hospitais e sanatórios de manter contacto com todos os doentes e mutilados, o P.<sup>o</sup> Bousquet não pensa na febre que o devora permanentemente, no enfraquecimento do seu organismo exausto das prisões nazis e das mais ferozes brutalidades sedentas de sangue, fartamente saciadas na sua pobre carne humana.

— Tenho 500.000 doentes, 56 nos sanatórios são 150.000 os deportados e prisioneiros tuberculosos.

— E a todos acode?  
— Alguma coisa fazemos, muito conforto lhes levamos, muitas vidas vamos, pouco a pouco, recuperando.  
— Felizmente que terminou o martírio nazi...  
— Sim! Mas tenho tantas saudades desse tempo! Ali, nós éramos Padres 100%. Ali era tão bom trabalhar e sofrer...  
— Saudades??? — interrompe-mos.

— Imagina lá o que é confessar em frente a uma vitrina em plenas ruas de Berlim, traçar a absolvição sobre a cabeça do penitente fingindo mostrar-lhe, num gesto largo, uma enorme bandeira russa pendente, como trofeu de guerra, do mais alto da parede! Imagina lá o que é trazer, dia e noite, consigo, o S. S. Sacramento, dá-lo a comungar, dia e noite, pelas cabines telefónicas, por detrás duma máquina em pleno movimento, nos bosques de Berlim, levar o Senhor ao mais íntimo das fábricas, celebrar em cima de malas, na escuridão da noite, com meia dúzia de autênticos cristãos a viver conosco as horas melhores da nossa vida!... Ali nós estávamos certos de que Cristo estava contente conosco, que fazíamos a mesma vida d'Ele, que trabalhávamos com Ele!

— Mas — arriscámos — e o cimento nú, e a água fria, e a água quente, e o chicote, as bofetadas, as coronhadas...

— Semelhantes ao Mestre, nunca nos faltou a força de sofrer como Ele. E depois a fraternidade, a camaradagem dos nossos militantes, a sua heroicidade. Nem um só desfaleceu perante as torturas e a fome. Solidários, todos foram valentes. Mesmo a bondade e o carinho dos que não eram como nós cristãos, mas que ficaram nossos amigos, nos compreenderam, nos ajudaram.

— Então conseguiu modificá-los?

— Pelo menos, ficaram amigos. Com que confiança me elegeram seu delegado e seu chefe na fábrica! Com que sinceridade foram protestar por causa da minha prisão. O chefe comunista da fábrica onde eu trabalhava, ainda hoje é para mim como um irmão. Belos tempos!

— ... que passaram.  
— ... Que é necessário continuar a viver. Nós regressamos de lá dispostos a fazer aqui a imprescindível revolução. O cristianismo que lá se viveu, puro, forte, conquistador, pobre como o de Cristo, tem de continuar nos nossos lares, na Acção Católica, nas paróquias.  
— Não voltaremos atrás. Foram muitos os que viveram esse puro cristianismo para que se não faça a revolução.

— Qual? inquirimos curiosos.

— A do «desburguesamento» dos nossos tempos, da nossa vida. Nos campos de prisioneiros, trabalhadores e expatriados, tiveram como companheiros de infortúnio muitos padres. Descobriram o homem vestido como eles, sofrendo como eles, padecendo com eles a fome, a sede, o frio. Não puderam deixar de admirar o seu devotamento, o seu desinteresse, a dignidade da sua vida. Assim quanto preconceitos se desfizeram! Por amor de Deus, não podemos dar-lhes agora o espectáculo de um Padre funcionário, a debater permanentemente o preço dum enterro ou dum casamento, consagrando um tempo precioso a consolar qualquer boa devota, ou a visitar burgueses desocupados. Temos de continuar para eles a ser o amigo, o defensor, o irmão.

— Compreendo, interrompe-mos melancolicamente.

Um empregado, aflito por causa de qualquer dificuldade no transporte dos doentes para Lourdes, interrompe-nos. Resolvido o problema, perguntamos:

— Quantos Padres morreram por lá, mártires dos que foram consigo?

— Dos Padres das nossas equipas morreram 3. Muitos outros morrerão antes do tempo. O Padre Giraudet foi meu companheiro e colaborador imediato. No dia da Libertação ainda o trouxemos de avião, nesse mesmo dia para Paris, numa derradeira tentativa de o salvar. Morreu no dia seguinte.

— Como Mártir?

— Sem dúvida. No próprio dia da sua morte, fez um grande milagre. Um nosso militante, responsável dum dos serviços de auxílio aos camaradas, viera a França para se casar. Esteve 8 dias em casa. Mulher, mãe, so-

050

gra, com lagrimas nos olhos pediam-lhe que não voltasse para a Alemanha. Respondeu que não podia abandonar a sua missão. E regressou. Passados meses, era preso connosco. Veio com o Padre Giraudet, como ele, às portas da morte. O tifo, peritonite, pleuresia purulenta. O Padre Giraudet morria e ele tinha também as horas contadas. Os médicos avisaram-me que nessa noite morreria inevitavelmente. O corpo do Padre Giraudet veio, à noite, para a nossa Cápelinha. Juntámo-nos uns poucos à sua volta.

— Tu, dissemos-lhe, pudeste partir porque não tens filhos, nem família a sustentar. Mas F., esse tem um filho, tem mulher... não pode partir! Vós andastes sempre juntos, mas agora é preciso separar-vos. Ele tem de ficar.

Aguardávamos, a todo o momento, a noticia da sua morte. Eu tinha pedido que me avisassem imediatamente. Esperei a noite inteira. No dia seguinte, pela manhã, admirado de ainda viver, fui ao hospital. Estava curado. E hoje vive feliz no seio da sua familia.

O olhar do Padre Bousquet tornara-se brilhante duma luz que não é deste mundo.

— Mártires!—exclamamos entre dentes.

— Os que partiram, «emendou» o Padre Bousquet.

Prometemos ir falar aos Padres que nos indicou e deixámo-lo na sua tarefa de «Aumônier des malades», depois de ter sido o primeiro «Aumônier» clandestino nas fábricas de Berlim.

Passou-se já um mês depois da conversa com o Padre Bousquet. Não nos podemos lembrar dele, nem da nossa conversa, sem uma saudade indescritivel.

ABEL VARZIM